



A emergência e o avanço da discussão do cotidiano ao longo da década de 1990 na geografia brasileira

The emergence and advancement of the daily debate throughout the 1990s in Brazilian geography

Mikael Rodrigues de Araujo  

Departamento de Geografia, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas,
Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil

*E-mail para correspondência: mikaelrodrigues@usp.br

Recebido (Received): 05/06/2021

Aceito (Accepted): 13/02/2022

Resumo: As pesquisas que levam em consideração direta e/ou indiretamente a dimensão do *cotidiano* vêm se tornando recorrentes na geografia brasileira há algumas décadas. Apontamos, neste artigo, uma possibilidade de investigação da emergência e do avanço dos estudos do *cotidiano* nessa geografia. A sua construção argumentativa situa-se no contexto histórico da década de 1990 e se concentra nas crescentes pesquisas acerca do *cotidiano*: por um lado, nos estudos com base na obra de Henri Lefebvre e, por outro, na sua utilização como base para a construção de conhecimento geográfico, especialmente o escolar. Desse modo, demonstramos dois movimentos simultâneos de emergência e avanço das pesquisas a respeito do *cotidiano* na geografia brasileira: um teórico-conceitual acadêmico e outro a partir da *práxis* social.

Palavras-chave: Cotidiano; Geografia brasileira; Henri Lefebvre; Geografia escolar.

Abstract: *Research that directly and / or indirectly takes into account the dimension of everyday life has been recurrent in Brazilian geography for several decades. In this article, we report an opportunity to study the emergence and advancement of everyday studies in this geography. Its argumentative construction fits into the historical context of the 1990s and focuses on growing research on everyday life: on the one hand, on studies based on the work of Henri Lefebvre and, on the other hand, on his use as a basis for the construction of geographical knowledge, in particular school. In this way, we demonstrate a simultaneous movement of emergence and advancement of research on everyday life in Brazilian geography: a theoretical-conceptual academic and another based on social praxis.*

Keywords: *Daily; Brazilian geography; Henri Lefebvre; School geography.*

1. Introdução

Ao longo do século XX, Henri Lefebvre colaborou com os avanços teórico-conceituais de *cotidiano*, *cotidianidade* e *vida cotidiana*, vinculados, sobretudo, ao desenvolvimento da noção central da sua obra: a produção do espaço. A sua obra passa, dessa forma, a influenciar mais intensamente os caminhos teórico-metodológicos de uma parte da geografia brasileira a partir dos anos 90. Mesmo que o início do estudo das produções de Lefebvre neste país seja marcado por algumas possibilidades, foi o aprofundamento das pesquisas geográficas com base neste autor que potencializou os debates e as alternativas teórico-conceituais para pensar a discussão do *cotidiano* nesta área.

É dentro desse panorama do cotidiano na geografia brasileira e da construção da tríade cotidiano, cotidianidade e vida cotidiana do ponto de vista geográfico que colocamos as pesquisas que fizemos até o momento. Elas apontam para uma crescente utilização e avanço no estudo do cotidiano na geografia a partir da década de 1990 e uma progressiva multiplicidade teórico-metodológica do modo como o cotidiano é trabalhado (ARAUJO, 2020, 2021a, 2021b).

Nesse sentido, dialogando com o conjunto dessas pesquisas, o presente artigo aponta as possibilidades de caminhos teórico-metodológicos que tendem ao encontro com o acervo conceitual de Henri Lefebvre a

respeito do *cotidiano*. Demonstramos isso através da análise de pesquisadores e pesquisadoras tanto da vertente da geografia urbana, em que a obra de Henri Lefebvre teve um maior impacto, quanto das de geografia escolar, em que o *cotidiano* passa progressivamente a incorporar uma composição teórico-conceitual pulsante na medida em que a vivência ganhava mais espaço no plano de análise dessa linha de pesquisa.

Desse modo, colocamos à prova duas hipóteses complementares que indicam uma explicação da atual dimensão de uma multiplicidade teórico-metodológica do cotidiano na geografia brasileira. A primeira delas refere-se a importante e necessária reafirmação do campo da geografia escolar como construtor do conhecimento geográfico, desenvolvendo e defendendo possibilidades metodológicas para a formação dos conceitos a partir da geografia que parte da vivência dos alunos. Já a segunda, refere-se a ocorrência de atualizações teórico-conceituais do *cotidiano* na geografia acadêmica, especialmente sob a influência de Henri Lefebvre (1901-1991). Iremos apresentar como esses dois movimentos, a reafirmação dentro da primeira e as atualizações dentro da segunda hipótese, acontecem simultaneamente e como, na medida em que avançam as suas discussões na geografia brasileira, o cotidiano vai emergindo e ganhando mais espaço nas práticas de ensino e de pesquisa.

Os entrelaçamentos histórico e teórico do cotidiano a partir dessas hipóteses foram localizados nas produções de geógrafos e geógrafas da década de 1990. Nesse sentido, destacamos as produções de autoras como Damiani (1994), Seabra (1987), Carlos (1987), Cavalcanti (1996), Callai (1995) e Castellar (1996), que se tornaram referências bibliográficas na discussão do *cotidiano* na geografia brasileira a partir dos anos destacados, especialmente no âmbito da geografia urbana e da geografia escolar. Na década de 1990, tais autoras escreveram as suas teses e diversos livros e artigos que, de certo modo, atravessam o debate do cotidiano na geografia, como iremos demonstrar. Com isso, tomar como ponto de partida tais referências pode nos apontar caminhos para que entendamos as bases teórico-metodológicas da emergência do cotidiano na geografia brasileira.

Assim, indicamos que, nos últimos anos do século XX, o *cotidiano* era apontado como um conceito potente para situar a vida espacial dos indivíduos na *práxis* da vida cotidiana, isto é, entender a *práxis* espacial e das dinâmicas que a constituem ao nível da vivência para, a partir daí, realizar a crítica da vida cotidiana. No entanto, embora houvesse uma pulsão teórica que possibilitasse a discussão do *cotidiano* nesse momento, ele ainda não era trabalhado enquanto conceito.

2. A contribuição de Henri Lefebvre para o avanço da discussão do cotidiano na geografia brasileira

Identificar de que maneira a obra de um autor começa a integrar os estudos da geografia brasileira é um caminho sempre passível de equívocos. No caso de Henri Lefebvre, arriscamos dizer que essa integração se deu por mais de uma via. Uma das possibilidades diz respeito aos seminários que reuniram, durante doze anos, professores da área das ciências humanas da Universidade de São Paulo (USP) em torno da leitura da obra de Marx (1818-1883). Coordenadas por Martins, essas reuniões aconteciam no antigo Departamento de Ciências Sociais da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP.

O seminário teve início em 1975 e funcionou regularmente até 1987. A ideia era produzir uma compreensão rigorosamente acadêmica da ampla riqueza de procedimentos metodológicos de Marx em suas diferentes obras. Em 1988, o grupo decidiu continuar seu trabalho em um seminário, ainda sobre o método dialético, que examinasse agora a obra de um marxista contemporâneo de envergadura clássica e um dos principais teóricos da modernidade. Seus participantes escolheram um dos mais corajosos e competentes continuadores da obra de Marx, o sociólogo e filósofo francês Henri Lefebvre, autor de livros fundamentais sobre a sociedade moderna, suas transformações e suas contribuições (MARTINS, 1996, Texto de apresentação do livro *O retorno à dialética*).

Partindo dessa “rica ‘aventura intelectual’ faltava, porém, o mergulho nas obras de Lefebvre voltadas ao espaço, à cidade e ao urbano” (CARLOS, 2018, p. 8). Por esse ângulo, ao longo década de 1990, grupos de estudo e pesquisa foram se formando no Departamento de Geografia da USP, originando, assim, a partir dos estudos da obra de Henri Lefebvre, grupos de pesquisa como Geografia urbana: a vida cotidiana e o urbano, coordenado pelas professoras Damiani e Seabra e Geografia Urbana Crítica (GESP), coordenado pela professora Carlos. Tais grupos emergem em certa medida da experiência com Martins e passam cada vez mais acontecer no Laboratório de Geografia Urbana (LABUR) realizando diferentes atividades destas autoras com seus orientandos.

Por outro lado, Seabra (2005), em uma entrevista à revista GEOSUL, Florianópolis-SC, relata que antes de começarem a ler Lefebvre no grupo de Martins, alguns trabalhos de tal filósofo já circulavam entre os geógrafos do Departamento de Geografia da USP. Como a própria geógrafa destaca: “quando escrevi o trabalho sobre [a cidade de] Santos 1979, lia O Direito à Cidade, tanto que a epígrafe desse texto é de H. Lefebvre. Só depois disso é que comecei a participar do grupo. O texto é de 1979 e entrei no grupo em 1980” (SEABRA, 1979, p. 173).

Nesse sentido, ressaltamos também a tese defendida por Carlos (1987), na qual já havia uma pulsão teórico-conceitual em busca da compreensão da teoria da produção do espaço, sendo possível também identificar uma preocupação crescente em considerar o nível do *cotidiano* na análise espacial.

Essas observações apontam que os estudos da obra de Henri Lefebvre na geografia brasileira podem ter trilhado esses e outros caminhos. O que estamos destacando é a possibilidade de que, antes mesmo do início dos aprofundamentos das pesquisas geográficas com base nesse autor, a geografia brasileira demonstrava uma composição teórico-conceitual que inclinava ao encontro dos acervos conceitual de Lefebvre – podendo ser destacadas nesse sentido as noções de *produção do espaço* e de *cotidiano*.

A partir daí, na medida em que as pesquisas da geografia brasileira avançavam sobre a obra de Henri Lefebvre em meados da década de 1990 (tanto nos seminários coordenados por Martins, quanto no Departamento de Geografia da USP), o entendimento de Lefebvre sobre a produção do espaço e o *cotidiano* foi tornando-se presente nas pesquisas geográficas através de pesquisadores como Seabra (1979), Carlos (1987) e Damiani (1994).

Para Damiani (1994, p. 434) no início da década de 1990 “[...] o tema cotidiano se generalizou. Refere-se a qualquer tempo e a qualquer espaço. Pessoalmente, e apoiada, especialmente, em Henri Lefebvre, não o trabalhei dessa maneira”. Desse modo, confirma-se que houve um avanço na composição teórica do *cotidiano* a partir da obra de tal filósofo, contribuindo para que, progressivamente, o *cotidiano* fosse trabalhado para além da sua compreensão apenas como atividades rotineiras, o dia a dia, a familiaridade, entre outros. Ainda de acordo com a autora, “O tema se atualiza. Ajuda-nos a refletir o mundo atual, está circunscrito, não diz respeito a qualquer tempo ou lugar” (DAMIANI, 1994, p. 434).

Assim, o significado de *cotidiano* tende a ser compreendido como *palavra* e ser propagado com mais ascendência no senso comum (no qual o cotidiano tende a ser percebido isoladamente, apartando-o do conjunto do processo). Diante disso, é necessário que o incluamos no cotidiano

[...] o homem inteiro em seus diferentes momentos: o da vida privada, o dos lazeres, o do trabalho; e exatamente quando cada um desses momentos se constitui como tal, sustentado por instituição, organizações, poderes, conhecimentos, é que o tema se torna crucial. (DAMIANI, 1994, p. 434)

Sendo assim, se as pesquisas sobre o *cotidiano* têm como finalidade de análise a espacialidade do modo de vida dos indivíduos, como podemos compreender o *cotidiano* a fim de que possamos considerar as especificidades espaciais e relacioná-las aos processos que ditam a produção desigual do modo de vida? Para tanto, precisamos entender que “[...] o cotidiano não se restringe às atividades de rotina nem a atos isolados, mas, diz respeito ao encadeamento de ações que se efetua num espaço e tempo ligados à produção das relações sociais” (CARLOS, 1994, p. 431). Mas, ao mesmo tempo, em relação “[a]o tema do cotidiano, que guarda a trivialidade aparente do social, é fácil perder-se a ideia de totalidade social, confundindo-se o cotidiano como banal” (DAMIANI, 1994, p. 434).

Por conta disso, faz-se necessária a “[...] produção de um novo cotidiano onde costumes e hábitos modificam-se sem que as pessoas pareçam se dar conta, pois as modificações se fazem de modo gradual com a mediação da mídia” (CARLOS, 1994, p. 431). Assim, na modernidade, o capitalismo (especialmente na metrópole) colonizou a vida dos indivíduos ditando o ritmo cada vez mais acelerado e tendo as relações sociais gradualmente medidas e aceleradas pela mercadoria.

Em decorrência da construção desse breve histórico – de como os debates do *cotidiano* pulsavam em direção à sua compreensão enquanto conceito, especialmente a partir da obra de Lefebvre –, íamos revelando a subsunção da vida cotidiana aos ditames do capital. Entendemos e defendemos a hipótese de que a *vida cotidiana* não passou a ser subsumida pela reprodução das relações sociais de produção apenas a partir da década 1990 no Brasil. O que destacamos é que o aprofundamento teórico-conceitual a partir da obra de Henri Lefebvre possibilitou um avanço da investigação e do debate da geografia brasileira nesse sentido, favorecendo, assim, que pensássemos essa análise a partir de seus elementos conceituais, construídos ao longo da sua produção.

Assim sendo, o cotidiano passou, gradativamente, a ser discutido e, como consequência, foi ganhando espaço nos debates de diferentes temáticas da geografia brasileira. O cotidiano teve presença, por exemplo, na obra de Milton Santos, *A natureza do Espaço* (1996), onde há um capítulo intitulado “O Lugar e o Cotidiano”, em que o autor relata os desafios da análise da individualidade e da globalidade: “[...] onde globalização e localização, globalização e fragmentação são termos de uma dialética que se refaz com frequência” (SANTOS, 1996, p. 314). A globalização, que era uma temática em destaque na década de 1990 no Brasil e no mundo, cruzando com o contexto da emergência do cotidiano na geografia nacional, proporcionou que Santos (1996) levantasse a questão da relação global e local, tendo a dimensão do cotidiano inclinada a este último.

Impõe-se, ao mesmo tempo, a necessidade de, revisitando o lugar no mundo atual, encontrar os seus novos significados. Uma possibilidade nos é dada pela consideração do cotidiano (A. Buttimer, 1976; A. García Ballesteros, 1992; A. Damiani, 1994). Essa categoria da existência [o cotidiano] presta-se a um tratamento geográfico do mundo vivido que leve em conta as variáveis de que nos estamos ocupando neste livro: os objetos, as ações, a técnica, o tempo (SANTOS, 1996, p. 315).

Afinal, o que liga esse contexto da “geografia acadêmica” a respeito da emergência e avanço sobre a composição teórico-conceitual do *cotidiano* à geografia escolar? Pode parecer uma pergunta “solta”, mas nela há detalhes importantes para tentarmos entender uma das possíveis causas da multiplicidade de interpretações e concepções do *cotidiano*, tanto na produção bibliográfica da geografia brasileira, quanto na prática de ensino. Na década de 1990, houve uma intensificação do processo de atualização dos estudos sobre a cidade, o urbano e o cotidiano, em certa medida com base em Henri Lefebvre e se multiplicando na geografia brasileira a partir deste e de outros autores que fazem parte da corrente marxista-lefebvreviana.

Esse processo se reflete também no ensino de geografia no Brasil. Isso porque, dado o avanço da “geografia acadêmica” acerca do *cotidiano* com base em Henri Lefebvre, houve, concomitantemente, a sua emergência e avanço a partir da *práxis* das pesquisas acerca da geografia escolar. Alguns dos livros que marcam esse momento são *A geografia na Sala de Aula* e *Novos Caminhos da Geografia*, organizados por Carlos (1999), e *Reforma no Mundo da Educação: parâmetros curriculares e geografia*, organizado por essa mesma autora e por Oliveira (1999). Nessas obras, “embora os textos sejam independentes há uma certa relação teórica entre eles, pois na maioria dos artigos é notável a presença de Henri Lefebvre [...] embasando as reflexões sobre o espaço geográfico” (PONTUSCHKA, 2006, p. 117).

Tendo em vista dar sustentação a esses apontamentos, analisamos os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) de Geografia (1998), os artigos de ensino de geografia publicados nos Boletins Gaúcho e Goiano de Geografia na década de 1990, as produções de grupos de pesquisa de ensino de geografia publicadas entre anos de 2000-2010 e a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) de Geografia (ARAUJO, 2020; 2021a; 2021b). A partir dessa análise, notamos diferentes composições teórico-conceituais do *cotidiano* presentes em tais documentos, o que indica a emergência, o avanço e a potencialização da discussão do *cotidiano* na geografia brasileira a partir da década de 1990 com base nos estudos das obras de Henri Lefebvre como também na *práxis* da “geografia escolar”.

3. A pulsão do cotidiano em direção ao conceito: a tendência à relação da práxis com base na vida cotidiana

A discussão teórico-conceitual do *cotidiano* da obra de Henri Lefebvre, assim como o avanço das pesquisas da geografia brasileira com base nesse autor, emerge da prática social. Isso é, a construção de um conceito não nasce de um exercício teórico desvinculado da prática social. É nesse sentido que o *cotidiano* emerge da prática social, proporcionando estudos sobre o espaço vivido. No senso comum, o *cotidiano* aparece como aquilo que é habitual, costumeiro, diário: aquilo que é comum a todos os dias, conjunto de ações que alguém faz ou vê acontecer todos os dias, ele emerge como *palavra* para dar significado à rotina vivida pelos indivíduos. Portanto, o *cotidiano*, antes de ser um saber científico, é um saber popular.

Assim, a crescente utilização do *cotidiano* na geografia brasileira também está relacionada com o período denominado de crise da geografia/renovação da geografia ao longo das décadas de 1970-1980, sendo atravessa portanto por um processo de revisão teórico-metodológica. Nessa época, as correntes da geografia marxista e fenomenológica avançavam na produção do conhecimento da geografia brasileira por meio de diferentes ‘geografias’, na medida em que as críticas à geografia teórico-quantitativa se consolidavam.

[...] estamos numa época em que é o espaço a categoria estruturante dos discursos geográficos seja na literatura da geografia universitária, seja dos discursos geográficos da literatura da geografia escolar. O que parecia um problema de reciprocidade teórica mais não é, todavia, que a expressão da forma como o *cotidiano da geografia universitária* e o *cotidiano da geografia escolar* interagem com o cotidiano da sociedade correntemente. Vezes há que as relações com a teoria não coincidem. Vezes há, entretanto, que sim (MOREIRA, 2014 [1987], p. 152, *grifos nossos*).

Especialmente após a segunda metade da década de 1980, pesquisadores engajados com a geografia escolar e empenhados em fazer com que as renovações teórico-metodológicas da geografia também fizessem parte da escolar, proporcionaram um curso de “reciclagem” para os professores da educação básica. Esse curso tinha como finalidade mobilizar esses professores para atualizá-los acerca dos conteúdos, conceitos e temáticas que estavam sendo construídas nesse contexto na geografia brasileira.

Por outro lado, existiam pesquisadores que defendiam, em suas pesquisas, que o campo da geografia escolar também é produtor de conhecimento. Isso se deu como resposta a geógrafos e geógrafas que defendiam que a geografia escolar era apenas reprodutora do conhecimento elaborado na academia, ou seja, que colocavam a geografia escolar como transposição didática.

Nessa tensão, a vivência do aluno passa a ganhar força no plano de análise da geografia escolar, contribuindo para que o ensino-aprendizagem em geografia se aprimore e, cada vez mais, leve em consideração a dimensão da vida cotidiana. Cabe, aqui, lançarmos a seguinte questão: levando em conta a emergência dos debates do cotidiano na geografia acadêmica brasileira e mundial (como demonstramos anteriormente) e uma vez que a geografia acadêmica e a escolar partem do mesmo ponto - o cotidiano, a prática social no espaço; ainda é possível pensar na separação de ambas? Questão para pensarmos ao longo da leitura deste artigo, mantendo em mente a hipótese da emergência da discussão do *cotidiano* como algo que emerge da prática social.

Ademais, ainda sobre as atualizações dos professores da educação básica, “os cursos de reciclagem” contribuíram para essa tensão e acarretaram na elaboração da Proposta Curricular do Estado de São Paulo (CEMP). Nesse cenário, os professores da rede estadual de ensino do estado de São Paulo foram convidados para participar do debate da sua elaboração, o que levou à sua primeira publicação em 1986. A geografia presente nessa proposta faz referência aos acontecimentos da renovação crítica da geografia e, sobretudo, à necessidade de a geografia levar em consideração a vivência dos alunos.

Assim, o *cotidiano* adquire cada vez mais espaço nos debates a respeito da geografia escolar. Isso porque “perguntar se a Geografia tem sentido não é algo com que a geografia universitária se ocupe com frequência, mas é praticamente o cotidiano de vida da geografia escolar” (MOREIRA, 2014 [1987], p. 152). Os estudos da geografia (acadêmica/escolar) precisam fazer sentido na vida prática da sociedade. Foi por esse motivo que os debates sobre o *cotidiano* avançavam na geografia brasileira, tendo em vista o estudo da prática espacial tencionando a sua *práxis*, isto é, a crítica da espacialidade da vida cotidiana.

Como observamos, a dimensão da *vida cotidiana*, sendo considerada para a construção do conhecimento geográfico, também possibilitou a emergência e o avanço da discussão do *cotidiano* na geografia ainda antes da década de 1990 e a potencializou a partir desse momento. Assim, o conhecimento geográfico a respeito do *cotidiano* avança simultaneamente ao aumento da atenção à vivência do aluno, ao entorno da escola, à rotina escolar e à produção da apreensão geográfica na escola. Porém, nesse momento, ainda não havia a composição teórica de um conceito, mesmo que houvesse a produção de algumas obras que apontavam para essa direção nos últimos anos do século XX e início do século XXI.

As pesquisas acerca do *cotidiano* se potencializam e avançam na produção bibliográfica a respeito da geografia escolar ao longo da década de 1990. Esse processo ganha força à medida que esses estudos foram sendo utilizados como mediação/relação entre a “geografia acadêmica” e a “geografia escolar”, trazendo a vivência do aluno para o primeiro plano da investigação. Isso foi sendo realizado à medida em que os estudos sobre o espaço vivido avançavam, envolvidos, por um lado, no processo capitalista da produção do espaço e, por outro, nos aspectos simbólicos, familiares e afetivos do espaço.

Nesse sentido, trazemos alguns apontamentos das pesquisas das geógrafas Cavalcanti (1996), Callai (1995) e Castellar (1996) acerca da perspectiva da geografia escolar. As autoras mostraram, em suas respectivas teses, a possibilidade da formação de conceitos a partir da *vida cotidiana* dos alunos, da prática social.

Ressalta-se, então, a problemática da relação entre os conceitos produzidos pela ciência geográfica (conceitos científicos) e sua estruturação em conceitos escolares (conceitos

científicos articulados aos conceitos cotidianos) e seu papel na formação de raciocínio geográfico. Essa problemática, por sua vez, aponta, como um dos caminhos, o conhecimento dessa relação, o estudo das representações sociais dos alunos a respeito de alguns temas e conceitos trabalhados na Geografia escolar (CAVALCANTI, 1996, p. 12).

O caso de Cavalcanti tem algumas especificidades que entrelaçam as hipóteses levantadas neste artigo. Doutoranda na Universidade de São Paulo (USP) durante parte da década de 1990 sob a orientação de José William Vesentini, a autora vivência na academia os processos de atualização relatados. Nos textos de Vesentini (1987; 1989) se fazem presentes citações e referências de livros de Henri Lefebvre. Lefebvre foi utilizado para compor as partes dos textos de Vesentini que tratavam das perspectivas teórico-metodológicas dos avanços da discussão do espaço geográfico. Muito latentes na época, esses avanços originavam-se do processo que a geografia mundial estava vivenciando naquele momento a partir da sua renovação teórico-metodológicas dos anos de 1970.

Esse ponto é importante para destacarmos que a utilização de Lefebvre por Vesentini (1987; 1989) se dava nesse sentido e não visando necessariamente o aprofundamento teórico-conceitual do *cotidiano*. Ao mesmo tempo, serve também para demonstrarmos que, direta ou indiretamente, textos de Henri Lefebvre podem ter feito parte do doutorado de Cavalcanti, pois tais debates estavam emergindo nesse contexto da geografia brasileira.

Ainda que as influências de Henri Lefebvre sobre a autora se deram por esse caminho, percebemos, ao analisarmos a obra da autora, que essas influências vieram especialmente por outra via. Em Cavalcanti (1993, 1995, 1996 e 1999) apresentam-se, nas citações e referências, textos de Henri Lefebvre como os livros *A vida cotidiana no mundo moderno* e *O direito à cidade*, e livros de Carlos (que é uma das precursoras da sistematização e aprofundamento dos estudos da obra de Henri Lefebvre no Brasil) como *A cidade e o Lugar no/do Mundo*. Assim, a forma com que Cavalcanti trabalha o *cotidiano* localiza-se no limbo da inclinação para uma perspectiva *categorial*, embora neste momento a autora não alcance elementos para pensar o cotidiano do ponto de vista geográfico.

Ao pesquisar sobre a construção dos conceitos-chave da geografia (Espaço, Território, Paisagem, Lugar e Região) com alunos da quinta e sexta série (atualmente sexto e sétimo ano do ensino fundamental II), Cavalcanti (1996) ressalta a possibilidade da relação entre *conceitos científicos* e *conceitos cotidianos*. Isto é, a relação dos conceitos construídos na academia, com bases filosóficas mais complexas, e conceitos construídos no cotidiano, ligados à vida dos alunos.

A relação entre esses conceitos está presente também na tese de Cavalcanti (1996), que reflete as pesquisas da geógrafa sobre a obra de Vygotsky, em especial o livro *Pensamento e Linguagem*, de 1993. Nesse livro, Vygotsky elabora a apreensão de conceitos cotidianos em diálogo com Piaget. Essa discussão girava em torno da noção de conceitos espontâneos sobre os quais Vygotsky, em discordância com Piaget, aponta a relação entre os conceitos científicos e os conceitos cotidianos.

Nos objetivos específicos da tese, a autora destaca que é fundamental “apreender, pelo estudo de representações sociais de alunos, seus conhecimentos cotidianos a respeito de conceitos geográficos” e “apontar encaminhamentos metodológicos do ensino de geografia que visem a construção de conceitos geográficos [...] pelos alunos, enquanto resultante de confronto de conceitos científicos e conceitos cotidianos”. (CAVALCANTI, 1996, 12-13)

Para a geógrafa, os conceitos cotidianos emergem do processo de construção do conhecimento dos alunos e estão ligados ao senso comum, à intuição, às relações no seu espaço de vivência, entre outros. Nesse contexto, os conceitos científicos contribuem para atribuir cientificidade aos *conceitos cotidianos*, possibilitando, desse modo, a relação entre teoria e prática.

Sendo assim, o papel do ensino, sobretudo pela mediação do educador, é o de promover o ‘encontro’ desses dois tipos de conceitos. Os conceitos científicos têm o papel de propiciar a formação de estruturas para a conscientização e ampliação de conceitos cotidianos, possibilitando, assim, o desenvolvimento intelectual. Com base neste fundamento é que neste estudo foi considerado como ponto de partida para orientações metodológicas um estudo dos conceitos cotidianos, aqui tomados como representações sociais [...] e os conceitos científicos correspondentes, na área de Geografia (CAVALCANTI, 1996, p. 41).

Castellar (1996), que também colabora com esse debate entre o Piaget e Vygotsky, sobretudo em relação a noção de conceitos espontâneos - embora os debates especificamente sobre o *cotidiano* não apareçam de modo claro em sua tese -, trabalha a construção do conhecimento cartográfico partindo da vivência dos alunos. Ainda que tenhamos, por um lado, a ausência da *palavra cotidiano*, temos, por outro, a presença do

seu significado e de como ele pode ser trabalhado na experiência espacial dos indivíduos a partir da cartografia escolar.

Além disso, no contexto dessa presença e ausência do debate do *cotidiano*, a autora defende a sua tese em 1996 e nela estão referenciadas bibliografias de Henri Lefebvre. De certo modo, isso representa a circulação das concepções teórico-metodológicas e conceituais dessa autora nas práticas de ensino da geografia escolar, sejam elas convergentes, divergentes ou críticas.

De modo semelhante, Callai (1995) evidencia que “[...] as experiências concretas deverão ter interligamento e coerência dentro do que é ensinado, pois o vivido pelo aluno é expresso no espaço cotidiano e a interligação deste com as demais instâncias é fundamental para a aprendizagem” (CALLAI, 1995, p. 205).

Por esse ângulo, a autora apreende a concepção de *cotidiano* e recomenda que é essencial “[...] trabalhar com os conteúdos de uma disciplina que são as práticas que acontecem no nosso cotidiano, e que lidam com o relacionamento do homem a nível individual e social entre si e com a natureza” (CALLAI, 1995, p. 208).

Além disso, Callai faz referência, em sua tese, aos livros *O cotidiano e a História* (2008), de Agnes Heller, e a *Dialética do Concreto* (1963), de Karel Kosik, ambos filósofos cujas discussões centravam-se no *cotidiano*. Essa pode ter sido a base teórico-metodológica na qual a geógrafa tenha se fundamentado para agregar composição teórico-conceitual à sua noção de *cotidiano*, além de a noção de *conceitos cotidianos* de Vygotsky também se fazer presente.

De acordo com essa linha de raciocínio - de que a reafirmação do campo da ‘geografia escolar’ como formadora de conhecimento geográfico também possibilita o avanço e a potencialização das discussões do cotidiano -, podemos apontar também as publicações, no fim dos anos 90, das obras *Ensino de Geografia: práticas e textualizações no cotidiano* e *Geografia em Sala de Aula: práticas e reflexões*, organizadas por Castrogiovanni (1999a, 1999b). O autor sintetiza, na apresentação do primeiro livro, um exemplo da latente pulsão em torno do *cotidiano* na época:

Em todos os seminários e encontros de professores de Geografia [...] discute-se a necessidade de instrumentalizar o aluno para lidar com a espacialidade em múltiplas dimensões, analisando-se as contradições e os conflitos sociais do cotidiano, e encaminhando-se para a compreensão da realidade social refletida nos diferentes lugares (CASTROGIOVANNI, 1999a, p. 7).

Desse modo, as teses, os livros e os artigos de diferentes autores, citados e discutidos aqui, contribuíram com a renovação da prática educativa na escola. Estas produções incentivam a criatividade e, principalmente, a valorização dos referenciais *cotidianos* e dos conhecimentos prévios dos alunos. A proposição de bibliografias, de modo geral, acerca do *cotidiano*, indica que ele deve ser trabalhado pelo professor para desenvolver conteúdos no espaço-tempo da escola e fora dela.

Assim, na medida em que os debates acerca das *abordagens cotidianas* foram postos, exercitou-se a apreensão de variadas possibilidades de contextualização da vivência dos alunos a partir da localização geográfica. Ocorrências e recorrências essas que podem ter contribuído para os avanços e potencialização dos debates do cotidiano na *teoria* e na *práxis* da geografia brasileira.

4. Considerações finais

Como vimos, os debates do cotidiano na geografia brasileira emergem e se multiplicam ao longo da década de 1990. Esse processo ocorre, por um lado, no campo do ensino de geografia, onde o *cotidiano* passa cada vez mais a ser trabalhado em diálogo mais próximo com a prática social da/escola; e, por outro, no campo da geografia acadêmica, potencializado pela discussão que já estava surgindo na medida em que ocorria a sistematização das pesquisas em torno de Henri Lefebvre na geografia brasileira. Suas influências se estenderam para diferentes temáticas e se entrelaçaram, em alguma medida, com a perspectiva do ensino de geografia.

Ao longo deste artigo, notamos o avanço do debate do *cotidiano* na geografia brasileira. Em momentos anteriores e no início da década de 1990, o *cotidiano*, que emergia das problemáticas da vivência espacial de diferentes pesquisas, não aparece nas bibliográficas geográficas com a sua composição teórico-conceitual voltada para o conceito geográfico. Notamos também que, ao mesmo tempo que as perspectivas de ensino de geografia, geografia urbana avançavam, avançava também a sistematização das pesquisas com base em Henri Lefebvre. Como consequência desses avanços, temos o debate do *cotidiano* se desenvolvendo ao longo

do tempo por meio de diferentes autores, como vimos os casos das autoras Carlos (1987), Damiani (1994), Seabra (1987), Cavalcanti (1996), Callai (1995) e Castellar (1996).

Diante disso, o recorte do objeto de análise e o objetivo deste artigo tornaram-se fundamentais para abriremos problemáticas envolvendo as bases teórico-conceituais de um tema tão relevante e que é utilizado, constantemente, até os dias atuais na geografia brasileira: o *cotidiano*. Além do apontado neste texto, no conjunto de nossas pesquisas abrimos também a problemática envolvendo as diferentes formas-conteúdo em que o cotidiano é trabalhado na geografia. Este método das formas-conteúdo do *cotidiano* atravessa o *cotidiano* enquanto *palavra*, *conhecimento cotidiano*, *abordagem*, *categoria* e *conceito* (ARAUJO, 2021a, p. 3-4). Colocando isso, nas publicações analisadas identificamos que, no início da década de 1990, o *cotidiano* era trabalhado muitas vezes com as suas composições teórico-conceituais de *palavra e conhecimento cotidiano* e, na medida em que avançava, as suas discussões apontavam para as suas dimensões *categoriais e conceituais*. Estas problemáticas transbordam a proposta deste artigo e podem ser consultadas em Araujo (2020; 2021a; 2021b).

Assim, este artigo apresenta uma contribuição para apontar a emergência, avanço e potencialização dos estudos do *cotidiano* na *teoria* e na *práxis* da geografia brasileira a partir da década de 1990. Dada a importância que a discussão do *cotidiano* vem adquirindo na geografia brasileira, indicamos que são necessários mais estudos sobre as suas bases teórico-metodológicas visando construir possibilidades teórico-conceituais do *cotidiano* (*cotidianidade* e *vida cotidiana*) do ponto de vista geográfico.

Outro apontamento que aqui colocamos é que não necessariamente um conceito emerge, avança e se potencializa predominantemente a partir dos estudos acadêmicos. Pelo contrário, a construção de um conceito não nasce de um exercício teórico desvinculado da prática social; afinal as *palavras* emergem, avançam e se multiplicam na prática social a partir de diferentes variáveis históricas, econômicas, políticas e tecnológicas. É por causa disso que as buscas sucessivas de superações teórico-conceituais e metodológicas no interior das ciências humanas são constantes e vivas.

Na própria obra de Henri Lefebvre, as pesquisas com base na *vida cotidiana* se intensificam a partir da década de 1940, com a publicação da *Crítica da vida cotidiana* volume I, em 1947 (sendo elaborado o volume II deste livro em 1961) e o livro *A vida cotidiana no mundo moderno* em 1968. Dois pontos da nossa interpretação da obra de Henri Lefebvre reforçam a nossa hipótese da emergência da discussão do cotidiano a partir da prática social.

O primeiro é que as preocupações do autor em analisar a *vida cotidiana* se davam na medida em que Lefebvre identificava, por um lado, o distanciamento das pesquisas filosóficas da vivência das pessoas e, por outro, a reprodução das relações sociais de produção que se fazia cada vez mais presentes na *vida cotidiana*, isto é, a reprodução do capital encontrava-se cada vez mais se inserindo na vida das pessoas. Nesse sentido Lefebvre, em 1961, na *Crítica da vida cotidiana* volume II, tece as categorias necessárias para analisar a *vida cotidiana* inserida no capitalismo. O segundo se faz presente no livro *A vida cotidiana no mundo moderno* de 1968, no qual o autor indica que a discussão acerca da *vida cotidiana* também se deu pela literatura, ou seja, pela narrativa da vivência das pessoas (LEFEBVRE, 1968, p. 19).

Estamos buscando apontar essa linha de raciocínio de Henri Lefebvre em diálogo com as especificidades de como o *cotidiano* emerge, avança e se multiplica na geografia brasileira a partir da década de 1990. Ademais, tendo como arcabouço uma possível identificação da multiplicidade teórica-metodológica a partir das *formas-conteúdo* do cotidiano, alcançamos também a construção de uma tríade *cotidiano*, *cotidianidade* e *vida cotidiana*. A partir dela, é possível vislumbrar as relações capitalistas e suas dinâmicas do/no espaço se alterando e se desenvolvendo de modo desigual na espacialidade do modo de *vida cotidiana*. Dessa maneira, apontamos a relação dialética da espacialidade dos ritmos cíclicos e lineares do cotidiano, sendo assim possível identificar as potencialidades e possibilidades iniciais de estudá-lo como conceitos geográficos a partir da diferença e das relações de condicionamentos e contextualizações materiais do espaço vivido dos indivíduos (ARAUJO, 2020, p. 12).

Entretanto, embora tenhamos avançado significativamente nas pesquisas sobre o *cotidiano* na geografia, ainda estamos distantes de um acervo teórico-conceitual que nos possibilite pensar o *cotidiano* enquanto *conceito* a partir da geografia. O que ocorre, especialmente na década de 1990, e possivelmente a partir desse momento, na geografia brasileira, são avanços de uma multiplicidade teórico-conceitual a respeito do *cotidiano* na *teoria* e na *práxis*, explorados nas pesquisas de Araujo (2020; 2021a; 2021b).

Notas

Este artigo faz parte de alguns resultados da dissertação de mestrado “O cotidiano na produção bibliográfica da geografia brasileira: uma análise das produções de geógrafos e geógrafas a respeito do ensino de geografia”, defendida na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo - USP, pelo autor deste manuscrito.

Referências bibliográficas

ARAÚJO, M. R. de. A composição teórico-conceitual do cotidiano nos PCNs e BNCC de Geografia: da palavra ao conceito geográfico. **Boletim Paulista de Geografia**, nº 103, jan.-jun. 2020 Disponível em: <<https://www.agb.org.br/publicacoes/index.php/boletim-paulista/article/view/1952>>. Acesso em: 28 mar. 2021

ARAÚJO, M. R. de. **O cotidiano na produção bibliográfica da geografia brasileira**: uma análise das produções de geógrafos e geógrafas a respeito do ensino de geografia. 130f. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2021a.

ARAÚJO, M. R. de. O cotidiano nos boletins goiano e gaúcho de geografia: uma investigação da emergência e avanço da discussão na década de 1990. **Revista da Casa da Geografia de Sobral (RCGS)**, v. 23, p. 260-278, 6 set. 2021b. Disponível em: <https://rcgs.uvanet.br/index.php/RCGS/article/view/786>. Acesso em: 28 mar. 2021b.

BRASIL. M. da E. Secretaria de Educação Básica. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: introdução aos parâmetros curriculares nacionais do terceiro e quarto ciclo do ensino fundamental. MEC/SEF, Brasília, 1998.

CALLAI, H. C. **Geografia**: um certo espaço, uma certa aprendizagem. 1995. Tese (Doutorado em Geografia Física) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1995.

CARLOS, A. F. A. **A (re)produção do espaço urbano**: o caso de cotia. 1996. Tese (Doutorado em Geografia Humana) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1986.

CARLOS, A. F. A. **A geografia na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 1999.

CARLOS, A. F. A. Geografia crítica-radical e a teoria social. In: CARLOS, A. F. A. (Org.). **Geografia urbana crítica**: teoria e método. Contexto: São Paulo, 2018, p. 15-34.

CARLOS, A. F. A. **O cotidiano na metrópole**. 5º Congresso Brasileiro de Geógrafos, Curitiba – PR, 17 de 22 de junho de 1994.

CARLOS, A. F. A.; OLIVEIRA, A. U. de. **Reforma no mundo da educação**: parâmetros curriculares e geografia. São Paulo: Contexto, 1999.

CASTELLAR, S. M. R. **Noção de espaço e representação cartográfica**: ensino de geografia nas séries iniciais. 1996. Tese (Doutorado em Geografia Física) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1996.

CASTROGIOVANNI, A. C. (Org.). **Ensino de geografia**: práticas e textualizações no cotidiano. Porto Alegre: Mediação, 1999.

CASTROGIOVANNI, A. C. (Org.). **Geografia em sala de aula**: práticas e reflexões. Porto Alegre: UFRGS, 1999.

CAVALCANTI, L. de S. A cidadania, o direito à cidade e a geografia escolar - Elementos de geografia para o estudo do espaço urbano. **GEOUSP Espaço e Tempo (Online)**, [S. l.], v. 3, n. 1, p. 41-55, 1999. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/geousp/article/view/123346>. Acesso em: 23 Out. 2021.

- CAVALCANTI, L. de S. **A construção de conceitos geográficos no ensino**: uma análise de conhecimentos geográficos em alunos de quinta e sexta séries do ensino fundamental. 1996. Tese (Doutorado em Geografia Humana), Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1996.
- CAVALCANTI, L. de S. **A Geografia Escolar e a Cidade**: ensaios sobre o ensino de Geografia para a vida urbana cotidiana. São Paulo: Papirus, 2008.
- CAVALCANTI, L. de S. A problemática do ensino de geografia vinculada nos encontros nacionais da AGB (1976-1986): Um levantamento preliminar. **Boletim Goiano de Geografia**, Goiânia, v. 15, n. 1, p. 1-23, Jan./Dez. de 1995. Disponível em: <<https://revistas.ufg.br/bgg/article/view/4326/3790z>>. Acesso em: 28 mar. 2021.
- CAVALCANTI, L. de S. de S. Elementos de uma proposta de ensino de geografia no contexto da sociedade atual. **Boletim Goiano de Geografia**, Goiânia, v. 13, n. 1, p. 1-19, 1993. Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/bgg/article/view/4342/3805>>. Acesso em: 28 mar. 2021.
- CAVALCANTI, L. de S. Ensino de Geografia e diversidade: construção de conhecimentos geográficos escolares e atribuição de significados pelos diversos sujeitos do processo de ensino. In: CASTELLAR, S. (Org.). **Educação Geográfica**: teoria e prática. São Paulo: Contexto, 2007, p. 66-78.
- CAVALCANTI, L. de S. Entrevista com a professora Lana de Souza Cavalcanti. [Entrevistadores: Diógenes Luiz da Silva e Vânia do Carmo Barreto da Silva]. **Revista Tamoios**, UERJ, v. 2, n. 3, p. 1-14, Jul./Dez., 2006. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/tamoios/article/view/608/640>>. Acesso em: 23.09.2021
- DAMIANI, A. L. **O cotidiano na metrópole**. 5º Congresso Brasileiro de Geógrafos, Curitiba – PR, 17 de 22 de junho de 1994.
- CAVALCANTI, L. de S. Para onde estão indo as investigações sobre ensino de geografia no Brasil? Um olhar sobre elementos da pesquisa e do lugar que ela ocupa nesse campo. **Boletim Goiano de Geografia**, v. 36, n. 3, p. 399-419, Set./Dez, 2016. Disponível em: <<https://revistas.ufg.br/bgg/article/view/44546>>. Acesso em: 28 mar. 2021.
- DAMIANI, A. L. **A cidade (des) ordenada**: concepção e cotidiano no conjunto habitacional Itaquera I. 1996. Tese (Doutorado em Geografia Humana) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1993.
- HELLER, A. **O cotidiano e a história**. São Paulo: Paz e Terra, 2008.
- KOSIK, K. **Dialética do concreto**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.
- LEFEBVRE. H. **A vida cotidiana no mundo moderno**. São Paulo: Ártica, 1968.
- LEFEBVRE. H. **Critique de la vie quotidienne I**: fundements d'une sociologie de la quotidienneté. Paris: L'arche Editeur, 1947.
- LEFEBVRE. H. **Critique de la vie quotidienne II**: fundements d'une sociologie de la quotidienneté. Paris: L'arche Editeur, 1961.
- LEFEBVRE. H. **Lógica formal, lógica dialética**. 12. ed. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1975.
- MARTINS, J. de S. (Org.). **Henri Lefebvre e o retorno à dialética**. Hucitec: São Paulo, 1996.
- MORAES, A. C. R. Renovação da geografia e filosofia da educação. In: OLIVEIRA, A. U. de (Org.). **Para onde vai o ensino de geografia?** São Paulo: Contexto, 1989.
- MOREIRA, R. **O discurso do avesso**: para a crítica da geografia que se ensina. São Paulo: Contexto, 2014 [1987].
- PONTUSCHKA, N. Geografia na sala de aula. **GEOUSP**: espaço e tempo (Online), São Paulo, n. 6, 117-125, 24 de Agosto de 2006. Disponível em: <<https://doi.org/10.11606/issn.2179-0892.geousp.1999.123369>>. Acesso em: 28 mar. 2021.

SANTOS, M. **A natureza do espaço**: técnica e tempo, razão e emoção. São Paulo: HUCITEC, 1996.

SÃO PAULO (ESTADO). Proposta Curricular do Estado de São Paulo – São Paulo: Secretaria da Educação do Estado de São Paulo, [1. ed. 1986] 7 ed. 1997.

SEABRA, O. C. de L. **Os meandros dos rios nos meandros do poder**: o processo de valorização dos rios e das várzeas do Tietê e dos Pinheiros na cidade de São Paulo. 1987. Tese (Doutorado em Geografia Humana) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1987.

VESENTINI, J. W. Geografia crítica e ensino. *In*: OLIVEIRA, A. U. de. (Org.). **Para onde vai o ensino de geografia?** São Paulo: Contexto, 1989, p. 30-38.

VESENTINI, J. W. **O método e a práxis** (notas polêmicas sobre geografia tradicional e geografia crítica). Terra Livre, [S. l.], n. 2, 2015 [1987]. Disponível em: <https://publicacoes.agb.org.br/index.php/terralivre/article/view/44>. Acesso em: 22 set. 2021.

VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.



Este artigo é distribuído nos termos e condições do *Creative Commons Attributions/Atribuição- NãoComercial-CompartilhaIgual* (CC BY-NC-SA).